

EMPATIA E TRANSCENDÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O SISTEMA FILOSÓFICO DE QUINE

VERA VIDAL

Depto. de Pesquisa/COC/Fiocruz

Abstract

The aim of this paper is to show some of my contributions to the exegesis of Quine's philosophy, emphasizing the role played by notions such as empathy and transcendence in his philosophical system. I hold that Quine is a rigorous systematic philosopher, and that in order to understand each one of his theses and critiques we need to analyze them within the totality of his philosophical investigations. I believe that his system derives from what we call his epistemological project and that all his philosophical theses are founded in his theory of language learning. I also maintain that Quine's philosophy shows a very strong pragmatic aspect more closely related to Wittgenstein's tradition and that one of speech acts theorists than to the Skinnerian tradition with which Quine is often associated. In addition I believe that the overall position of his theses has been presented in Word and Object, and that all his subsequent works served to clarify or complement his ideas, not to change them. Thus, I do not agree with those who argue that Quine changed his philosophical position in the course of time.

O objetivo deste artigo é o de apresentar algumas de nossas contribuições à exegese do pensamento quineano, enfatizando o papel que as noções de empatia e transcendência desempenham no conjunto do seu sistema filosófico, especialmente em sua teoria da linguagem. Procuraremos também abordar os principais resultados de nossa leitura de Quine, já apresentados em nossa tese de doutorado defendida na Sorbonne, Université de Paris I, em 1991, sob a direção do Prof. Jacques Bouveresse, intitulada: *Sur la Thèse Quinéenne de l'Indétermination de la Traduction*.

Estes resultados podem ser assim resumidos:

- Constatamos o aspecto rigorosamente sistemático da Filosofia de Quine, o que justifica nossa posição de que a compreensão de cada uma de suas teses ou críticas só é possível quando analisadas no conjunto de seu sistema, onde adquirem significado e se explicitam no jogo de suas inter-relações. Retiradas deste conjunto, analisadas isoladamente, podem dar margem a interpretações incorretas e críticas indevidas.
- Defendemos a hipótese de que o conjunto de suas investigações filosóficas deriva do que chamamos seu projeto epistemológico e que a fundamentação de suas teses se encontra em sua teoria do aprendizado da linguagem.
- Explicitamos que sua Filosofia tem um aspecto nitidamente pragmático, muito mais próxima da tradição wittgensteiniana e dos teóricos dos atos de fala, que da tradição skinneriana à qual Quine é freqüentemente associado, até porque ele mesmo se classifica muitas vezes como um behaviorista.
- Afirmamos que a totalidade de suas teses filosóficas foi apresentada em *Word and Object* sendo apenas explicitadas ou melhor esclarecidas nos escritos posteriores. Discordamos, assim, de muitos que, como Chomsky, sustentam que se pode falar de Quine I – fase de *Word and Object* – e Quine II – após a publicação de *The Roots of Reference* – parodiando o que se convencionou chamar de Wittgenstein I e II.

Iniciaremos a abordagem dos itens anteriormente enunciados pela explicitação de nossa hipótese de que o conjunto do sistema filosófico quineano representa seu esforço de resposta à questão que denominamos seu projeto epistemológico, a qual aparece claramente formulada na primeira página de *The Roots of Reference*: “Dada somente a evidência sensível, como chegamos à nossa teoria do mundo?” É importante esclarecer que Quine entende por “teoria do mundo” a totalidade de nossas visões do mundo: científica, filosófica, artística, religiosa, a do senso comum, distinguindo-as em função de seus diferentes graus de complexidade lingüística e analítica. A distinção é de grau e não de natureza, posto que considera que qualquer discurso é sempre o produto de conjecturas, de hipóteses mais ou menos sofisticadas que os ho-

mens “inventaram” através dos tempos, permitindo-lhes explicar-se e àquilo que os cerca.

Tais conjecturas ultrapassam infinitamente o único critério de evidência que Quine considera confiável: o da evidência empírica e seu grau de maior ou menor aceitabilidade dependerá de suas relações com o conjunto das teorias de mundo vigentes em uma época e do consenso que obtenham das autoridades nos temas em questão. Assim, defende que nenhuma destas conjecturas é absolutamente neutra e não se tem como afirmar que reflitam objetivamente os dados ou fatos que buscam explicar, com maior ou menor rigor, segundo o domínio em questão. Embora seja possível denunciar uma falsa teoria, demonstrando sua incoerência e/ou sua não adequabilidade aos fatos observados, não se tem como garantir que uma teoria coerente e que passe com sucesso pelos testes empíricos, seja a perfeita descrição dos fenômenos em questão. Todas transcendem tanto o nível da evidência empírica, que sempre estarão sujeitas a revisões, retificações, sendo mesmo possível construir teorias logicamente incompatíveis, apesar de empiricamente equivalentes, isto é, passando com sucesso pelos testes empíricos – Tese Duhem-Quine. Assim, toda teoria, ou melhor, o conjunto de nosso discurso transcende infinitamente os dados da observação. Nenhum enunciado é diretamente comparável aos fatos. Para que se decida sobre seu significado, referência e valor de verdade será sempre necessário fazer alusão ao contexto teórico em que se insira. O sonho reducionista do empirismo é, segundo Quine, irrealizável. No discurso que a humanidade produziu, torna-se impossível distinguir o que seja relato, do que seja invenção, o que seja objetivo e o que seja “estilo.”

Apesar do enunciado que escolhemos como sendo a explicitação de seu projeto epistemológico só ter sido formulado com bastante clareza em *The Roots of Reference*, que data de 1974, podemos constatar que este projeto foi o princípio motor de suas investigações filosóficas.

A preocupação com a relação discurso-mundo e com a transcendência do discurso em relação ao mundo está sempre presente em seus escritos, de forma mais ou menos explícita, desde sua primeira obra completa: *Word and Object*, até a última: *From stimulus to science*.

Já em *Word and Object*, p. 12, podemos destacar a afirmação seguinte:

Servimo-nos de uma estrutura verbal muito extensa de enunciados que estão interligados de inúmeras maneiras. Mas esta estrutura constitui uma unidade e é este conjunto que compreende tudo que somos capazes de conhecer sobre o mundo.

Em *Pursuit of Truth*, obra de 1990, a mesma questão está presente no primeiro parágrafo do primeiro capítulo consagrado à análise da noção de evidência:

A partir dos impactos sobre nossas superfícies sensoriais, ao longo das gerações, no interior de nossa criatividade coletiva e acumulativa, projetamos nossa teoria sistemática do mundo exterior. Nosso sistema obtém sucesso ao prever as estimulações sensoriais subseqüentes. Como fizemos isto?

Estas e outras afirmações de Quine, parecem legitimar nossa posição de que a questão fundamental que estimulou sua curiosidade filosófica – a qual denominamos seu projeto epistemológico – apóia-se em três pressupostos fundamentais:

- a convicção de que o único critério de evidência inquestionável é o da evidência sensível;
- a constatação de que todos temos uma teoria do mundo;
- a crença de que nossa teoria do mundo só se fenomenaliza através de uma rede de enunciados, organizados de diferentes maneiras, mas mantendo uma unidade, a qual resume tudo o que somos capazes de conhecer sobre o mundo interior e exterior.

Já que, se deduzíssemos todas nossas crenças a partir das informações advindas da evidência sensível jamais chegaríamos a justificar a totalidade de nosso saber, posto que nossas teorias transcendem infinitamente os dados empíricos, o problema que se coloca para o epistemólogo é o da justificação das relações entre o discurso e a realidade, entre palavra e objeto.

Assumindo que o conjunto de nosso discurso é uma resposta à estimulação do mundo físico sobre nossas terminações nervosas e que

tudo que conhecemos do mundo exterior e interior está contido na vasta estrutura verbal que compreende um conjunto de enunciados sistematicamente organizados segundo regras bem estritas, conclui que nosso conhecimento se revela através do discurso, está imbricado na estrutura da linguagem, o que nos torna “prisioneiros do discurso.”

Seu projeto epistemológico representa, pois, um esforço para responder à questão: Como ligar as excitações de nossas superfícies sensoriais pelos estímulos físicos vindos do mundo exterior com a produção de nossas teorias do mundo?

Compreende-se, assim, porque Quine escolhe abordar a questão epistemológica que lhe interessa pela vertente da análise lingüística. Ele crê no paralelismo linguagem-teoria e considera todas as teorias como subconjuntos da linguagem.

É importante ressaltar que a escolha quineana de seguir o método da análise lingüística não representa que desprestigie o mundo extralingüístico que o discurso visa descrever. Ele considera que a existência dos objetos físicos é incontestável posto que se manifesta no quadro do mais alto nível de evidência que, segundo ele, empirista ardoroso, se pode atingir: a evidência sensível. Os objetos físicos se revelam a nós pela sua estimulação direta sobre nossas terminações nervosas.

Além disto, a sua existência também nos é assegurada pelas “crenças de nossa raça.” Quine afirma que, junto com o leite materno, ingerimos uma ingênua filosofia natural que nos leva a aceitar o postulado da existência do mundo físico composto de objetos de tamanho médio, de uma duração limitada, independentes e diferentes de nós. Esta crença se revela útil e eficaz ao longo de nossa existência. Para colocá-la em causa, seria necessário encontrar uma razão muito forte que revelasse maior eficácia para a vida prática e para as necessidades teóricas. Sempre fiel ao seu princípio conservador, no que concerne a revisibilidade das teorias, sustenta a posição de que ainda parece muito válido manter este poderoso postulado das crenças da raça humana.

Os pressupostos fisicalistas, realistas e empiristas de Quine são, portanto, perfeitamente coerentes com sua opção pelo uso do método analítico de investigação filosófica. Sustenta ser incontestável que o mundo físico existe e é independente de nós, mas, para exprimirmos nossas teorias do mundo, não dispomos de outro meio além do uso do

discurso. Neste processo, fazemos afirmações que transcendem enormemente as inferências que a evidência sensível nos autorizaria. “Inventamos” leis gerais, princípios causais que, mesmo sendo derivados de outros enunciados fortemente apoiados nos dados de observação, os ultrapassam em muito e, assim, acabamos afirmando muito mais que aquilo permitido pelo restrito escopo do quadro fornecido pela evidência empírica. Cabe, então, aos epistemólogos confrontarem os dados empíricos e teóricos para buscarem um critério de decisão sobre o que, em nosso discurso, é relato e o que é invenção. Para tal, crê que o melhor método de trabalho é o da filosofia analítica e, veremos adiante o papel crucial que atribui à análise do processo de aprendizado da linguagem na efetivação desta tarefa.

Sempre fiel a seus postulados empiristas, Quine defende que toda análise da linguagem deve seguir um rigoroso método de observação do comportamento dos falantes e da relação do discurso com os estímulos físicos de que derivam por processos mais ou menos evidentes.

A relação que o epistemólogo estabelece entre o discurso e os dados da observação – relação que se pode dar tanto no quadro do uso de métodos científicos quanto no do senso comum – deve ser acessível ao conjunto da comunidade lingüística em que são enunciados e devem atingir um consenso o mais homogêneo possível dos seus integrantes, apesar da diversidade de suas percepções individuais. O mais alto grau de consenso será obtido pelos enunciados de observação, mas torna-se necessário que os demais também sejam aceitos como verdadeiros para que uma teoria possa ser validada.

Quine enfatiza que em epistemologia e em lingüística é preciso seguir o método de trabalho das ciências da natureza, repudiando as análises que apelam para entidades mentais ou não-observáveis. Na falta de uma explicação rigorosa, é preferível reconhecer os limites de nosso saber a inventar entidades fictícias para atingir resultados que, segundo ele, serão igualmente fictícios.

Sugere que epistemólogos, lingüistas, psicólogos e outros pesquisadores reúnam-se para melhor compreenderem, segundo um procedimento rigoroso, científico, o processo que leva os homens a responderem com um discurso às estimulações físicas de suas terminações nervosas e a explicarem como chegaram a pronunciar tantos enunciados

absolutamente irredutíveis a outros que estão mais próximos dos dados da observação.

Este trabalho interdisciplinar é a única opção que resta aos epistemólogos para atacarem a relação discurso-realidade depois que o sonho reducionista do empirismo se revelou um projeto irrealizável, tendo em Carnap o último e remarcável – embora fracassado – grande esforço de construção.

Quine sugere que a epistemologia se naturalize e se torne um capítulo das ciências da natureza posto que seu objeto é um fenômeno natural: o homem, que é um objeto físico em meio a outros que estimulam suas terminações nervosas às quais ele responde através do discurso, este também um objeto físico, pois se fenomenaliza em sons, gestos ou signos lingüísticos escritos. Logo, o campo de investigação da epistemologia se dá num cenário semelhante ao das ciências da natureza; por conseguinte, suas metodologias de trabalho devem assemelhar-se. Quine esperava muitos resultados positivos para as questões epistemológicas através da evolução das pesquisas no campo das ciências cognitivas, onde grupos interdisciplinares buscam dar conta da análise das inter-relações conhecimento-linguagem-realidade, mente-corpo e outras que, segundo ele, são fundamentais para a abordagem das referidas questões.

Do que expusemos, parece-nos legítima a inferência de que o projeto epistemológico de Quine revela sua questão filosófica fundamental: a da constatação da irredutibilidade de nossas teorias de mundo aos dados da evidência sensível, único critério de evidência que considera viável e que o leva a tentar compreender, apelando a dados observacionais, como a humanidade construiu este discurso que transcende tão radicalmente o processo inicial da produção de todo discurso, ou seja, a resposta à estimulação do mundo físico sobre nossas terminações nervosas. Defendemos a posição de que é este projeto epistemológico que levou Quine à construção de seu sistema filosófico, o qual, na sua totalidade, foi uma resposta a esta perplexidade inicial revelada, como já mencionamos, no primeiro parágrafo de *The Roots of Reference* e em tantos outros escritos.

Passemos agora à nossa hipótese de que é a análise do processo de aquisição da linguagem que sustenta o conjunto das teses do sistema

filosófico de Quine, bem como suas críticas filosóficas fundamentais.

Para abordar seu projeto epistemológico e assumindo que todas nossas teorias de mundo constituem uma complexa rede verbal de sentenças interconectadas das mais variadas maneiras, Quine escolhe analisar o processo de aprendizado da linguagem tanto nativa quanto estrangeira, para ver se percebe neste processo como se dá a relação discurso-realidade, palavra e objeto.

Elege, então, duas situações que considera paradigmáticas: a da criança que aprende sua linguagem materna e uma situação hipotética que denomina de tradução radical. Exporemos a seguir sua análise destes processos bem como as conclusões que infere desta análise e que constituirão, segundo nossa interpretação, o fundamento do conjunto de suas teses filosóficas.

A. O Processo de Aquisição da Linguagem Materna

Segundo Quine, o aprendizado da linguagem materna por uma criança compreende as seguintes etapas:

1. Resposta a estímulos físicos e verbais

Na primeira página de *Word and Object*, Quine afirma que conhecemos os objetos físicos pelo efeito de seus estímulos em nossas terminações nervosas, a que respondemos com um discurso. A análise do processo de aprendizado da linguagem, segundo ele, nos leva a esta conclusão.

No processo de aprendizado da linguagem materna pela criança, observa-se que estas são inicialmente estimuladas por objetos que tocam suas terminações nervosas e, ao mesmo tempo, recebem, através de seu preceptor, uma estimulação verbal. A repetição deste conjunto – estimulação física e verbal – no quadro de algumas situações semelhantes, lhes possibilita iniciar a aquisição da competência lingüística. A aprovação ou reprovação de seu preceptor, revela ao aprendiz seu grau de sucesso ou fracasso, bem como sinaliza se ele deve continuar repetindo tal comportamento lingüístico ou se deve evitá-lo em situa-

ções semelhantes.

É o diálogo que porá à prova a performance do aprendiz. É através da interação dos locutores – um princípio pragmático – que vai muito além do mecanismo estímulo-resposta behaviorista, que o processo de aprendizado da linguagem evolui. Instala-se na ação interlocutiva, uma relação de empatia do aprendiz com seu preceptor, acrescida da criatividade e poder de invenção do aprendiz que o conduzirão a ultrapassar o quadro limitado das estimulações diretas do início do processo. Estabelece-se uma dinâmica onde este realiza generalizações e, ultrapassando o limitado quadro de respostas a determinados estímulos físicos, torna-se capaz de utilizar corretamente as expressões já aprendidas diante de situações novas.

Quine dirá que temos uma norma inata de similaridade que nos permite realizar com eficiência estas e outras generalizações; trata-se do que chama de espaço qualitativo inato. Considera a mesma inata, posto que está subjacente a todo processo de aprendizado, não podendo ela própria ter sido também aprendida.

Defende que esta afirmação não contraria seus princípios empiristas, posto que se trata de uma propriedade bastante conhecida nos estudos sobre o comportamento animal em geral, observável em laboratório e que está na base de todo processo indutivo e de nossas expectativas em relação ao futuro. Sendo uma capacidade compartilhada, garante uma aceitação generalizada das induções individuais.

No que concerne ao aprendizado da linguagem, é esta norma que permite ao aprendiz estabelecer distinções entre, por exemplo, o que deve nomear cadeira, banco, poltrona ou outro objeto com a mesma função. Esta inferência representa um complexo ultrapassar dos dados objetivos, justificando-se em função de certos acordos derivados de nossas teorias de mundo compartilhadas.

Constata-se, assim, que, mesmo na fase aparentemente mais mecânica do aprendizado da linguagem, quando se responde à ação direta de estímulos físicos sobre nossas terminações nervosas, já se percebe uma transcendência do discurso em relação aos dados empíricos.

2. A substituição por analogia

Segundo Quine, os primeiros termos que se aprende são os que se referem a objetos e os primeiros enunciados são os de observação. Obedecendo a um princípio analógico, o aprendiz passa a fazer substituições em estruturas já conhecidas e a partir de “Este é meu braço” pode afirmar “Estas são minhas mãos,” “Este é meu pai.” As substituições são feitas inicialmente nos enunciados de observação e posteriormente nos abstratos.

Desde *Word and Object* Quine já estava consciente de que estas duas etapas do aprendizado da linguagem dão conta de uma parte muito restrita do processo. Este só avança quando o aprendiz inicia a fase seguinte.

3. A interanimação dos enunciados ou sínteses analógicas

Nesta etapa, o discurso se distancia da estimulação direta dos objetos físicos: as sentenças interagem. Mesmo os enunciados de observação podem não ser a resposta imediata aos estímulos físicos. Sua emissão depende de uma rede de sentenças extremamente complexa que lhes confere significado, referência e valor de verdade.

Quando, por exemplo, um pesquisador, num laboratório de química, realiza uma série de mistura de produtos e observa que a substância resultante é azul, pronuncia o enunciado de observação: “Há cobre nesta mistura.” Apesar de pronunciá-lo em face a um estímulo físico, seu significado e valor da verdade não é uma consequência imediata da observação, mas sim do conjunto da teoria química que ele integra. Alguém que não conhecesse a teoria, não estaria em condição de pronunciá-lo neste quadro observacional.

Constata-se, assim, que a maior parte de nossa rede lingüística é constituída de enunciados que são resposta a outros enunciados e que sua coerência depende das relações recíprocas no interior da teoria a que pertencem. Dependem das regras lógicas, de leis causais, de pressupostos e princípios internos da teoria, enfim, de componentes culturais.

A força da rede teórica é tal que não mais se pode encontrar o

complexo no simples de que se originou e que não se está mais em medida de identificar o enunciado de observação que estava na origem do processo que conduziu à produção de tal enunciado teórico.

Saber quando um enunciado foi aprendido em resposta direta à estimulação física e quando o foi por um processo de interanimação, pertence à história já esquecida e irrecuperável de cada locutor. Segundo Quine, somos então capazes de identificar na etapa da interanimação, o momento em que o discurso ultrapassa a fase behaviorista inicial para entrar no processo de produção de novos enunciados a partir do conjunto que constitui a teoria do mundo de cada indivíduo numa época dada.

A prioridade que adquire o lingüístico sobre o não-lingüístico gera o enfraquecimento progressivo do conteúdo sensorial do discurso ainda preponderante no início do processo. O conhecimento indireto predomina. O locutor se encontra cercado por instrumentos lingüísticos, por um conjunto de regras que favorecem a homogeneização das percepções individuais em vistas de um possível acordo intersubjetivo que possibilite o diálogo. O locutor falará segundo o modelo lingüístico e cultural de sua comunidade.

O discurso se revela incapaz de ser o espelho da realidade e de atingir uma verdadeira neutralidade ou objetividade. O processo de aprendizado da linguagem exige que se utilizem estruturas lingüísticas, referenciais, lógicas, enfim, culturais, o que ultrapassa em grande escala o restrito quadro das estimulações físicas que desencadearam o processo. Convenções, invenções, preenchem as lacunas criadas pelos dados da observação. Torna-se impossível distinguir no discurso o que é objetivo do que é produção humana; o que é substancial do que é estilo.

B. O Processo de tradução radical

A análise deste processo reitera a convicção de Quine de que o discurso evolui quando ultrapassa o estreito quadro de estímulo físico-resposta verbal do início do processo de aprendizado da linguagem e entra na fase da interanimação dos enunciados.

Trata-se de um exemplo hipotético de Quine, em que ele descreve a possível ação de um lingüista que visa aprender a linguagem, que lhe é totalmente desconhecida, de um povo do qual desconhece também a cultura. Ele não dispõe do auxílio de intérpretes e só tem como instrumento de trabalho a observação do comportamento lingüístico deste povo.

Parte, então, da situação em que o lingüista escuta a expressão “gavagai” e tenta traduzi-la para sua língua. Após perceber quais termos indicavam a aprovação e negação deste povo e observar que esta expressão estava sempre associada a alguma situação em que havia coelhos, conclui, através de sua emissão em situações variadas, através da observação do comportamento dos locutores e de suas respostas positivas ou negativas em determinadas ocasiões, que “gavagai” é um termo coletivo de referência dividida correspondendo a “coelho” em Português.

Esta solução decorreu das hipóteses analíticas levantadas por este lingüista que transcenderam enormemente o limitado quadro observacional em questão. Outros lingüistas, sem contato com este e seguindo os mesmos processos de observação poderiam ter traduzido “gavagai” por “coelhidade,” “partes não destacadas de coelho,” “fase de coelho” e estas propostas teriam passado igualmente bem pelos testes empíricos. Só que estas expressões diferem não somente em intensão, mas também em extensão, pois são verdadeiras de coisas diferentes. Estas traduções diversas decorrem de hipóteses analíticas que, embora empiricamente equivalentes, são logicamente incompatíveis. E nenhum critério de decisão poderá justificar qual a tradução mais adequada, pois as três hipóteses são bem sucedidas em seus testes empíricos.

Assim, a análise dos dois casos de aprendizado da linguagem vai reforçar sua posição de transcendência do discurso face às evidências empíricas e à constatação de que os acordos intersubjetivos são possíveis devido ao sentimento de empatia que ocorre entre os falantes, apesar da radical indeterminação de nossos discursos pela experiência.

Esta noção foi introduzida em *Pursuit of Truth* para reforçar o papel da interação dos locutores em qualquer processo de aprendizagem. As crianças precisam estar em empatia com seus preceptores supondo que suas situações perceptuais são semelhantes, mesmo se não conhe-

cermos perfeitamente o mecanismo fisiológico de percepção de nossos interlocutores. O lingüista também é guiado pela empatia quando projeta, graças a suas hipóteses analíticas, associações e esquemas gramaticais sobre o povo desconhecido que observa, assumindo uma semelhança de percepções e comportamentos entre si e o nativo, convicção esta que transcende suas observações empíricas.

A criança e o lingüista agem semelhantemente em seu processo de aprendizado da linguagem. A empatia fundamenta suas hipóteses analíticas, as quais estão na base de suas generalizações, transcendendo enormemente a evidência imediata.

Parece-nos, então, legítima nossa hipótese de que, impulsionado por seu projeto epistemológico de buscar as conexões entre as estimulações físicas de nossos órgãos da sensibilidade com a produção de nossas teorias de mundo, Quine busca entender as relações entre os objetos que são as palavras com aqueles a que elas aludem. Para fundamentar esta análise, procura compreender o processo de aquisição da linguagem e, neste, crê detectar o momento de ultrapassagem radical deste processo em relação à experiência empírica e a conseqüente necessidade de encontrar, além da experimentação, algo que confira uma certa homogeneidade aos discursos, permitindo o diálogo e um certo acordo intersubjetivo entre os falantes. Aparece, assim, o recurso à noção de empatia, a qual, juntamente com a de transcendência, representa um importante binômio para a sua teoria do aprendizado da linguagem. E como defendemos que a análise deste processo é que fundamenta o conjunto de sua filosofia, parece-nos que fica esclarecida a ênfase que conferimos a estas duas noções devido ao papel que desempenham no conjunto de seu sistema filosófico.

Ao assumir a radical transcendência de nosso discurso, ou melhor, da vasta rede de sentenças sistematicamente interconectadas que exprimem o conjunto de nosso conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos, em relação à evidência empírica – único critério seguro de evidência para Quine – construirá o conjunto de suas teses e críticas que constituem seu sistema filosófico. Enunciaremos as teses e, a seguir, suas críticas filosóficas, evidenciando o papel que a análise do processo de aprendizado da linguagem desempenha na organização sistemática deste conjunto.

1. A tese da indeterminação das traduções

Podemos resumi-la na afirmação de que sempre será possível construir manuais de tradução logicamente incompatíveis e empiricamente equivalentes.

Já mencionamos, na exposição do processo de tradução radical, que os lingüistas, naquela situação hipotética, formulariam hipóteses analíticas guiadas pelo sentimento de empatia, o que tornaria possível a construção de manuais de tradução, os quais poderiam ser logicamente incompatíveis mas, apesar disto, passariam com sucesso pelos testes empíricos baseados na observação do comportamento dos falantes. Este fato sustenta sua tese sobre a indeterminação da tradução.

Quine defenderá que não é apenas no quadro das traduções entre línguas diferentes que a indeterminação ocorre, mas também nas traduções intralingüísticas. Quando falamos com interlocutores de nossa própria linguagem, também não temos como garantir que nosso aparente acordo indique que captamos perfeitamente o significado do que nos dizem. Também aí somos guiados pela empatia e, como no processo em que aprendemos nossa língua materna, colocamo-nos no lugar do outro, supondo afinidades entre nossos aparatos perceptivos, nossas categorias culturais e acreditamos realizar um processo bem sucedido de comunicação. Nossos comportamentos observáveis não são suficientes para garantirem o sucesso da totalidade de nosso processo de comunicação intersubjetivo, que transcende muito o campo da observação. Conclui que qualquer tradução é radicalmente indeterminada pelos dados empíricos, e só é possível graças ao sentimento de empatia. Tal indeterminação não deve implicar a paralisação das traduções, pois somos obrigados a traduzir continuamente, embora reconhecendo a falta de rigor do processo.

2. A tese da indeterminação da referência

(Inicialmente denominada de inescrutabilidade da referência)

Sustenta a existência de múltiplos e diversos manuais capazes de colocarem em relação a referência dos termos de duas linguagens e

mesmo de nossa própria linguagem. Se afirmamos que “coelho” se refere a coelho, é porque escolhemos um dentre os diversos manuais tão válidos quanto este, no sentido de que passarão igualmente bem pelo teste empírico da observação do comportamento dos falantes. Também aí a empatia desempenha importante papel homogeneizador garantindo o sucesso dos diálogos.

3. *A tese da indeterminação das teorias pela experiência – tese Duhem-Quine*

Quine expandiu a tese de Duhem sobre a indeterminação das Teorias físicas, sustentando que toda teoria do mundo – científica ou do senso comum – é radicalmente indeterminada pela experiência. Percebe-se que a fundamentação desta tese se encontra também na radical transcendência do discurso face aos dados da evidência imediata, o que ficou bastante claro na análise do processo de aquisição da linguagem, quando os falantes atingem a fase da interanimação das sentenças.

O sentimento de empatia desempenha importante papel nos consensos a que chegam os interlocutores sobre certa teoria, pois será necessário que admitam certos pressupostos e paradigmas comuns que não têm sustentação na evidência sensível mas sim em crenças que só se justificam no domínio da teoria de mundo que compartilham.

4. *A tese do holismo epistemológico*

Sustenta que nenhum enunciado tomado isoladamente é diretamente comparável aos fatos. O acordo entre teorias e dados empíricos é sempre global, jamais atomizado; quando um desacordo se revela entre sentença e observação, é a teoria como um todo que precisará ser revista e não apenas o enunciado em questão. As observações sempre decorrem de um quadro teórico, o qual ultrapassa infinitamente os dados empíricos. A ciência, como o senso comum, sempre irá criar “mitos,” estabelecer postulados, visando fundamentar o discurso que busca explicar os fenômenos que se deseja conhecer. Percebe-se igualmente aí a importância que adquirem as noções de empatia e

transcendência.

5. *A tese da naturalização da epistemologia*

Convencido da impossibilidade de reduzir nossos discursos teóricos a enunciados cujo valor de verdade fosse absolutamente garantido pela evidência empírica, Quine propõe que a epistemologia renuncie ao papel de fundamentadora do saber científico e se torne um capítulo das ciências da natureza, já que visa estudar um fenômeno natural: o homem e busca explicar como este homem, a partir de estimulações observáveis e mesmo controláveis experimentalmente, responde com uma descrição do mundo externo tridimensional e também com uma história deste mundo, as quais ultrapassam infinitamente as estimulações físicas recebidas. Cabe ao epistemólogo compreender este processo de ultrapassamento de nosso processo cognitivo, bem como organizar e justificar a relação entre as demonstrações e as teorias. Buscará entender como a ciência evolui, sem pretender desenvolver um discurso de fundamentação ou julgamentos de valor sobre a ciência enquanto objeto. Assim, a epistemologia se torna “natural” e pode fazer apelo a outras ciências naturais, como a neurologia, a linguística, a psicologia empírica.

6. *A tese da relatividade ontológica e o critério de compromisso ontológico*

Se tudo que podemos afirmar sobre o mundo está compreendido numa complexa rede de enunciados e, se quando aprendemos a falar já o fazemos no interior de uma teoria, todos os compromissos ontológicos dependerão das pressuposições da teoria de mundo que se assuma. Afirma então que: “Ser é ser valor para uma variável.” Só nos engajamos ontologicamente quando as variáveis de nosso discurso estão ligadas a um quantificador universal ou existencial. O ato de nomear um objeto ou de referir não nos compromete a assumir a existência dos objetos nomeados. Quine não se interessa pelas questões que concernem à existência do ser em si, como na metafísica tradicional. Coerente com sua tese do holismo epistemológico, em que afirma que ne-

nenhum enunciado é diretamente comparável aos fatos, defende que nenhum enunciado existencial, destacado da teoria à qual pertence, será verdadeiro ou falso; eis sua tese da relatividade ontológica. Esta relatividade não impede que se possa chegar a um critério de decisão sobre que entidades assumir num certo domínio do discurso. Seguindo seus pressupostos fisicalistas, prioriza os objetos físicos, recusando entidades mentais. Considera esta opção mais próxima às crenças de nossa raça e ao princípio de simplicidade teórica, embora reconheça que não se trata de uma certeza incontestável e pode ser revista. Se não houver fortes razões para refutar tal crença e se a mesma for de utilidade teórica para o discurso da ciência e do senso comum, deverá ser mantida, embora sujeita a revisão e retificações.

7. A tese do holismo semântico

Já que a análise do processo de aquisição da linguagem revela que a noção de significado não tem base empírica, ela só pode derivar da rede teórica à qual os enunciados pertencem. Daí sua tese do holismo semântico:

- A unidade de significação é a totalidade da teoria à qual um enunciado pertence e jamais o enunciado tomado isoladamente;
- Nenhuma expressão, destacada de seu contexto, tem significado.

8. Sobre o valor de verdade das sentenças

Quine não se interessa pela problemática filosófica tradicional da análise da essência da verdade. Interroga sobre o significado do uso das expressões “é verdadeiro” ou “é falso,” quando aplicadas a uma sentença. Pergunta, então, por uma definição e um critério de verdade, mas buscando a resposta no âmbito do discurso e de sua relação com o mundo. Aceita a definição tarskiana de verdade e um critério consensual que pode ser enunciado assim: O que torna um enunciado verdadeiro ou falso é seu liame com os outros enunciados do sistema que integra, mesmo se devemos sempre valorizar suas relações com a realidade a que alude. Isto é coerente com sua posição de que discurso e realidade se relacionam sempre através da teoria de mundo de uma

certa comunidade. Mas escapa de um relativismo ou ceticismo radicais quando afirma que, no interior das teorias de mundo sempre haverá meios de se encontrar pontos de referência mais ou menos sólidos que nos permitirão decidir que sentenças aceitar como verdadeiras ou falsas, embora sempre se deva estar aberto a revisões. Estes são: os princípios de simplicidade e de economia teóricos; a precisão; o espírito conservador; o método científico; o conjunto do conhecimento científico de nossa época. Mesmo que sejam noções meio imprecisas, permitiram o progresso da ciência e um certo consenso entre os pesquisadores.

Percebe-se aqui ainda a influência de sua análise do processo de aquisição da linguagem. Mesmo que a fase de interanimação dos enunciados revele que o discurso perde a relação direta com o único critério de evidência fiável – a evidência empírica – para escapar do ceticismo e do relativismo e salvar um critério de verdade, Quine vai em busca de uma solução: sua tese do holismo epistemológico.

Defendemos que, ao analisar o processo de aquisição da linguagem, Quine encontra fundamentação não somente para suas teses, mas também para suas possantes críticas filosóficas que enunciaremos a seguir.

1. A crítica à noção de significado

Este foi um de seus ataques mais fundamentais, pois representou o ponto de apoio a todas as críticas que se seguiram e que exporemos. O processo de aprendizado da linguagem revela que a observação do comportamento dos locutores não fornece qualquer base empírica para a noção de significado. É certo que quando aprendemos a utilizar uma expressão corretamente, foi porque aprendemos seu significado, mas isto nada nos informa sobre o que seja o significado, sobre sua natureza e Quine se esforçará em demonstrar que esta noção é mal fundamentada e supérflua. Ataca todos que postulam que o significado seja uma espécie de entidade abstrata, supralingüística, de que os signos lingüísticos seriam a expressão. Aceitar a existência de significados implicaria em valorizar noções teoricamente frágeis como as de sinonímia, analiticidade, proposição,...Este conjunto de noções mal definidas oferece

uma falsa impressão de segurança muito perigosa para a constituição de uma teoria da linguagem que aspire ao rigor. As relações que se estabelecem são mal definidas, e não nos levam a compreender o que seja o significado, nem as outras noções que supõem, para sua definição, a noção de significado. Sua análise do processo de aquisição da linguagem lhe revela que aprendemos os significados lingüísticos por uma série de reflexos condicionados, de hábitos resultantes da associação de nosso comportamento verbal com estimulações físicas, nada que revele que se possa entificar esta noção. Detalhes sobre como aprendemos o significado das expressões é algo já esquecido em nossa história. Defendendo a posição de que “não há entidade sem identidade” e enfatizando que não há critério seguro que justifique a identidade de significados, recusa sua existência. Só se pode falar deles no interior de um sistema, através da inter-relação de termos e sentenças, daí sua tese do holismo semântico que já enunciamos.

2. Crítica à entificação de proposições

Esta noção foi postulada visando estabelecer uma distinção entre o sentido de um enunciado e sua representação gráfica. É bem aceita a nível de senso comum e atende a necessidades teóricas como a de justificar a relação de sinonímia: dois enunciados são sinônimos se e somente se exprimem a mesma proposição. Quine ataca esta noção, mostrando, através do processo de aquisição da linguagem, que nada no comportamento dos aprendizes e dos preceptores revela dados em favor da existência de entidades ocultas nos signos lingüísticos. Ao contrário: os mesmos comportamentos podem gerar percepções de significados ou proposições contraditórias, segundo o manual de tradução utilizado.

3. Crítica à noção de atributo

Postulam-se atributos como significados de termos gerais, como objetos de atitudes atributivas ou proposicionais. Quine lhes critica com o mesmo tipo de argumentação que dirigiu à noção de significado e de proposição, sempre apoiado na falta de evidência empírica que

justifique a necessidade de postular sua existência além do uso pragmático que os falantes lhes conferem. O perigo de assumir sua existência seria também o de virem a justificar a imprecisa noção de sinonímia.

4. *Crítica à noção de sinonímia*

Já vimos que Quine se recusa a assumir a existência de entidades para as quais não se disponha de um rigoroso critério de identidade, daí sua recusa a assumir a existência de significados, atributos, proposições, intenções. E acredita que, ao se assumir tais entidades, defrontamo-nos com dificuldades teóricas insuperáveis. Se a noção de sinonímia supõe necessariamente a de identidade de significados, conclui que ela não tem sustentação teórica aceitável. A tentativa de defendê-la apelando para a noção de substitutividade *salva veritate* também engendra uma série de dificuldades como a falha nos contextos intencionais, ou naqueles em que os termos são citados, ou quando se alude às palavras de outros. Também pode ocorrer que se substitua termos heterônimos sem que isto altere o valor de verdade do enunciado. O fato de que os falantes de uma língua se entendam pragmaticamente sobre a noção de semelhanças de significado e não de sua identidade, não justifica que a noção de sinonímia tenha um valor teórico suficientemente poderoso que a faça integrar uma teoria semântica que se pretenda rigorosa. Sempre a partir de sua análise do aprendizado da linguagem, Quine conclui que a observação do comportamento dos falantes, não nos autoriza a decidir, entre hipóteses analíticas que estejam em conflito sobre a determinação de relações de sinonímia, qual a que está correta, pois todas que forem bem sucedidas estarão de acordo com a totalidade dos comportamentos observáveis dos locutores.

5. *Crítica à dicotomia: enunciados analíticos e sintéticos*

Quine sustenta que a dicotomia entre verdades analíticas e sintéticas, estabelecida por Kant, tem suas raízes na distinção que Hume fez entre relações entre idéias e questões de fato, assim como na distinção leibniziana entre verdades de fato e as de razão, as últimas sendo verdadeiras em todos os mundos possíveis. Igualmente se define sentença

analítica como aquela cuja negação é auto-contraditória. Quine considera esta definição com pouco valor explicativo, posto que a noção de auto-contradição é tão obscura quanto a de analiticidade.

Kant define os enunciados analíticos como aqueles em que a extensão do termo predicado está contida na do termo sujeito. Quine constata dois defeitos nesta definição: limita-se aos enunciados do tipo sujeito-predicado e apela para a noção de estar contido que se situa no nível metafórico. Kant sustentava que as verdades analíticas são aquelas cuja verdade depende do significado lingüístico dos termos envolvidos e não dos fatos. Quine critica esta posição pois supõe uma definição de significado, o que envolve os problemas que já mencionamos anteriormente.

A tradição filosófica considera, então, que os enunciados analíticos são aqueles cujo valor de verdade pode ser constatado pela observação de sua forma lógica ou pela análise do significado das expressões que os compõem. Já o valor de verdade dos enunciados sintéticos depende de recurso aos acontecimentos ou fatos que buscam descrever. Os analíticos ainda se subdividem em: aqueles que exprimem verdades lógicas ou aqueles que são transformáveis em verdades lógicas por intersubstituição de termos sinônimos. As verdades lógicas são enunciados verdadeiros que permanecem verdadeiros em todas as reinterpretações de seus componentes que não sejam as partículas lógicas. Quine considera que a maior dificuldade da noção de analiticidade não é a que supõe a definição de verdades lógicas, mas aquela que depende da substituição de sinônimos, devido às imprecisões da noção de sinonímia.

Pode-se, então, compreender a natureza da crítica de Quine à dicotomia analítico-sintético. Afirma que a noção de analiticidade não tem base empírica nem teórica: os dados da observação nada nos ensinam sobre a analiticidade e, do ponto de vista teórico, depende, para sua definição, de outras noções que não possuem rigor teórico: significado, sinonímia, identidade proposicional,... O processo do aprendizado da linguagem nos revela que, na etapa de interanimação dos enunciados, perde-se a possibilidade de discernir quais os enunciados que derivam da evidência imediata e quais os que são resposta a outros enunciados por um processo de sínteses analógicas. Logo, nenhuma

decisão sobre o valor de verdade de um enunciado pode ser tomada comparando diretamente este aos fatos que descreve. Sempre se terá que conhecer previamente o quadro teórico em que se insere e através do qual ele pode ser confrontado com os dados empíricos para então se decidir sobre seu valor de verdade. Esta posição contraria a definição de enunciados sintéticos e se liga à sua tese do holismo semântico: a menor unidade de significação é o conjunto teórico e não o termo ou o enunciado.

Conclui que é impossível separar significado e informação no interior de um enunciado, exigência fundamental para sustentar a dicotomia entre enunciados analíticos e sintéticos.

Creemos que esta exposição sintética das teses e críticas filosóficas de Quine evidencia nossa hipótese sobre o caráter extremamente sistemático da Filosofia quineana, onde todas as teses estão em profunda interconexão e se explicitam no jogo de suas inter-relações. Também nos parece ficar claro que todas decorrem de seu projeto epistemológico e se apóiam em sua teoria do aprendizado da linguagem, onde a etapa de interanimação dos enunciados revela o momento da transcendência do discurso em relação à evidência empírica, justificando a radical indeterminação de nossos discursos face aos dados sensíveis. Creemos ter também evidenciado o importante papel que as noções de transcendência e empatia desempenham no conjunto de seu sistema e para cada uma de suas teses e críticas. A transcendência é a marca principal de nossas teorias de mundo que escapam a uma relação direta com a evidência empírica; a empatia garante acordos intersubjetivos em meio às radicais indeterminações que poderiam levar Quine a um ceticismo ou relativismo radicais. A empatia permite que nossos discursos individuais se tornem diálogos, mesmo que estejamos conscientes da impossibilidade de sabermos se chegamos a verdades em si e aceitarmos que toda teoria é revisável. A empatia está na base de nossos consensos e da confiança que Quine deposita no discurso da Ciência como sendo o que mais possui confiabilidade em suas descrições e previsões.

Concluimos reafirmando nossa hipótese de que a análise do aprendizado da linguagem é o que evidencia que Quine é plenamente consciente dos limites do esquema behaviorista para dar conta do es-

tudo da linguagem e que revela sua postura pragmática de apelar para a observação da ação do falante, para o diálogo intersubjetivo e para a noção de empatia como um dos recursos mais eficazes para sustentar os estudos da linguagem.

Enfatizamos ainda que a totalidade das posições filosóficas de Quine já se encontra exposta em *Word and Object* e que seus trabalhos posteriores só tiveram o papel de explicitar ou esclarecer alguns aspectos das mesmas. Discordamos de todos que afirmam que Quine alterou algumas de suas posições ao longo de suas obras.

Queremos também sustentar, contrariamente a alguns que afirmam que algumas das teses de Quine são contraditórias, que o sistema quineano não apresenta qualquer contradição entre suas teses e que isto ficará evidente se as analisarmos sempre em suas relações sistemáticas e jamais tomadas isoladamente.

Referências Bibliográficas

- Quine, W. v. O. 1960. *Word and Object*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- . 1969. *Ontological Relativity and Other Essays*. New York: Columbia University Press.
- . 1974. *The Roots of Reference*. La Salle, Ill.: Open Court.
- . 1981. *Theories and Things*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- . 1990. *Pursuit of Truth*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- . 1995. *From Stimulus to Science*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Vidal, V. 1985. “O Aspecto Pragmático da Filosofia da Linguagem de Quine.” *Reflexão X* (32), p. 49, e *Revista Filosófica Brasileira* 1 (2): p.116
- . 1990. “Contribuições do Sistema Filosófico de Quine para as Investigações da Filosofia Analítica.” In Carvalho, M. C. (org.), *Paradigmas Filosóficos da Atualidade*. Campinas: Papirus.
- . 1991. *Sur la Thèse Quinéenne de l'Indétermination de la Traduction* – tese de doutorado defendida na Sorbonne-Université de Paris I,

França.

- 1994. “Le Pragmatisme dans la Philosophie de Quine.” *Verbum* 13 (4): Sémantique et Société, Nancy P.U., pp. 273–288.
- 1994. *Sur la Thèse Quinéenne de l’Indétermination de la Traduction*. TTR (Traduction, Terminologie, Rédaction), 3 (1): Ed. Université du Québec, Canadá.

Keywords

Quine, epistemology, philosophy of language.

Departamento de Pesquisa, COC/Fiocruz,
Rio de Janeiro, RJ
Veravidal2000@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar algumas de nossas contribuições para a exegese da filosofia de Quine, enfatizando o papel desempenhado pelas noções de empatia e transcendência em seu sistema filosófico. Sustentamos que Quine é um filósofo sistemático rigoroso, e que para entender cada uma de suas teses e críticas, precisamos analisá-las dentro da totalidade de suas investigações filosóficas. Acreditamos que seu sistema deriva do que chamamos seu projeto epistemológico, e que todas as suas teses filosóficas estão fundamentadas em sua teoria do aprendizado da linguagem. Sustentamos também que a filosofia de Quine apresenta um aspecto pragmático muito forte, mais proximamente relacionado com a tradição de Wittgenstein e dos teóricos dos atos de fala que com a tradição skinneriana com a qual Quine é freqüentemente associado. Além disso, acreditamos que a posição geral de sua tese foi apresentada em *Word and Object*, e que todos os seus trabalhos posteriores serviram para esclarecer ou complementar suas idéias, e não para modificá-las. Assim, não concordamos com aqueles que dizem que Quine modificou sua posição filosófica através do tempo.

Palavras-chave

Quine, epistemologia, filosofia da linguagem.

Principia 7 (1–2), Florianópolis, June/December 2003, pp. 205–228.